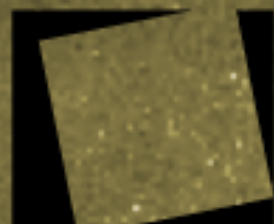


PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

42

v. 24

Nov/Dez 2019

e-ISSN 2179-8001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor
Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora
Jane Fraga Tutikian

INSTITUTO DE ARTES

Diretor
Raimundo José Barros Cruz
Vice-Diretora
Daniela Pinheiro Machado Kern

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Coordenador
Paulo A. de Menezes P. da Silveira
Coordenadora Substituto
Teresinha Barachini

Assistente Administrativo
Patrícia Pinto
Bolsistas - PPGAV
Maíara Elisa Strobelt
Thiago Martins Jansen Müller

PORTO ARTE: REVISTA DE ARTES VISUAIS

EQUIPE EDITORIAL

Ana Maria Albani de Carvalho
Marilice Villeroy Corona
Mônica Zielinsky
Paulo Silveira
Teresinha Barachini

CONSELHO EDITORIAL

Androula Michael (UPJV, Amiens, França)
Annateresa Fabris (USP, São Paulo, Brasil)
Cristina Freire (USP, São Paulo, Brasil)
Icleia Borsa Cattani (UFRGS, Porto Alegre, Brasil)
Isabel Sabino (FBAUL, Lisboa, Portugal)
Raquel Henriques da Silva (UNL, Lisboa, Portugal)
Raquel Stolf (UDESC, Florianópolis, Brasil)
Suzete Venturelli (UnB, Brasília, Brasil)
Victor I. Stoichita (UNIFR, Fribourg, Suíça)

PROJETO GRÁFICO

Geovane Neves da Silva

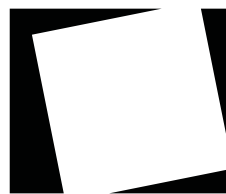
EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

@dia_gramação

CAPA

Kátia Prates

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Porto Arte. – v. 1, n. 1 (jun. 1990). Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 1990 - .

Semestral (jan./jun.)

A partir do v.5, n. 8 (nov. 1993) passa a incorporar o subtítulo Porto Arte : Revista de Artes Visuais.

Os anos de 2015 e 2016 tiveram uma edição comemorativa por ano. As edições semestrais seguem em janeiro de 2017 com o n. 36.

e-ISSN 2179-8001 (versão digital)

1.Arte : Periódicos. 2. Artes Visuais – Periódicos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

CDU 7 (05)

Silvia Holler – CRB 10/2456

Versão digital:

<http://seer.ufrgs.br/portoarte>
portoarte@ufrgs.br

Como citar:

Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 24, n 42 , nov-dez.2019. e-ISSN 2179-8001

EDITORIAL

Editorial da Edição Comemorativa

Revista Porto Arte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS

Esta edição tem como objetivos fundamentais comemorar:

***Os 85 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;**

***O 1º Colóquio Internacional, relativo ao Acordo Internacional entre a Universidade da Picardia Jules Verne (Amiens, França) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil), através de seus programas de Pós-Graduação em Artes Visuais e em Histórias da Arte.**

Entreabre-se esta publicação nutrida por um sentido simbólico de permanência das diversas ideias e trocas ocorridas ao longo deste Ciclo de Conferências, este desenvolvido na UFRGS de 28 a 30 de novembro de 2019, no Centro Cultural desta Universidade, em Porto Alegre. Mas também busca marcar os 85 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse princípio de preservação, tanto da instituição, como do próprio acordo internacional por meio dos valiosos debates ocorridos, situa esta edição comemorativa como um marco de abertura a novas discussões sobre a memória e a arte, que poderão emergir no decorrer do tempo, também em outras culturas e lugares. Pois ele articula o fenômeno artístico com questões relacionadas ao emprego da memória nas novas culturas hoje e aos mais recentes modos de percepção do mundo, em sua vertiginosa aceleração e transformação. Certamente a proposta poderá atuar-se em permanência, em sua sobrevivência inovadora nos diferentes tempos e espaços do devir. Poderá abrir outros caminhos para o surgimento de novas

relações inesperadas no alargamento dos enfoques aqui pautados, possivelmente ao se mostrarem repensados diante dos horizontes do futuro.

O tema central desta publicação visa colocar em xeque diferentes posições teóricas e artísticas que afloram de pesquisas que abordam essas mutações, particularmente as que são referentes à memória. Detém-se, em especial, nos distintos modos como os artistas concretizam essas surpreendentes revisões em seus cambiantes processos de apreensão da realidade e na criação de seus trabalhos artísticos.

“Os apagamentos da memória na arte” buscam desvendar e discutir os espaços escondidos, a metamorfose das geografias territoriais e humanas olvidadas na história cultural do presente, os esquecimentos, lacunas e vazios que as diversas histórias deixam entrever. Pergunta-se, pois, se teriam sido elas omitidas por carências de conhecimentos ou seriam elas o fruto de escolhas intencionais, as que fundamentam as dimensões políticas da memória espalhadas por inúmeras partes do globo - as que transitam subterraneamente entre os ágeis movimentos das culturas hoje, através de seus fluxos desiguais de distribuição, transmissão e de apropriação.

A produção de muitos artistas leva a repensar essas articulações entre estética e política, ao denunciar, em permanência, essas tensões da memória, tão presentes em nossos tempos. Ergue-se como um interesse capital ao se estudar a arte produzida no Brasil, um país que busca aos poucos construir suas próprias histórias da arte e das culturas que lhe são inerentes.

Projeto conceitual e organização geral

Mônica Zielinsky

Professora na área de História, Teoria e Crítica da Arte no Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre, Brasil.

Androula Michael

Professora de História da Arte, na Universidade da Picardia Jules Verne, no Centre de Recherches en Arts et en Esthétique (CRAE), Amiens, França.

Os trabalhos que compõem esta publicação se desenvolveram inteiramente voltados ao foco primordial das conferências, relativo às amnésias culturais, aos abandonos, omissões e apagamentos entranhados na própria arte, em suas histórias e em seu reconhecimento, através dos tempos e dos seus espaços.

1- Os silêncios da memória na arte e o poder de imaginar outros futuros.

Mônica Zielinsky. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Brasil.

Este estudo parte da arte. São trabalhos de duas artistas que fazem emergir, de modos distintos, as abordagens da memória em suas criações, ao conterem, com repulsa, os surpreendentes ocultamentos culturais e artísticos contidos na construção da própria história. A aceleração nas mutações perceptivas, em meio às profundas transformações culturais vividas na história recente oferecem novas leituras do mundo – em especial sobre estes apagamentos mnemônicos que emergem vivamente nos trabalhos, impulsionados por conflitos de poder e pelas subterrâneas políticas da memória que afloram marcantes na constituição de grande parte da produção contemporânea da arte.

Ao transitarem entre presente e passado, mas ao abrirem a memória à imaginação do futuro, os trabalhos se colocam afastados dos silêncios da memória e apontam na direção de uma vigorosa evasão crítica e fortemente ficcional, diante das progressivas falências do nosso imaginário na vida hodierna.

2- O artista enquanto historiador da arte: estratégias contra os apagamentos da memória.

Androula Michael. Universidade da Picardia Jules Verne, Amiens, França

A reflexão dedica-se aos apagamentos da memória vividos pelos africanos sobre sua origem, através de seus dolorosos traumas oriundos da escravidão e de tantas das atrocidades coloniais. Ela traz à luz questões de um patrimônio faltante a ser restituído. A atuação dos artistas é iluminadora para guiar diversas novas formas de abordar o problema, tornando-se este estudo

de grande contribuição ao tema desta publicação.

3- Memórias espectrais. Arte e desaparecimento no Pós-Ayotzinapa Mexicano.

Joaquín Barriandos. Universidade Autônoma do México, Cidade do México.

No México, a memória tornou-se, em especial em tempos atuais, como um campo de batalha. O caso dos Ayotzinapas, (2014), foi um fato de violação dos direitos humanos, com o desaparecimento de 43 estudantes. É analisado como uma luta permanente entre a amnésia do governo e as políticas da verdade. Em um estudo de casos, o papel da cultura visual determina a performatividade dos direitos humanos.

4- Manchas que mancham. Memória e apagamentos na obra de Eugenio Dittborn.

Joaquín Barriandos. Universidade Autônoma do México, Cidade do México.

Por esta reflexão, o autor trata da aerpostalidade de Dittborn, como uma estratégia para “fazer aparecer” o corpo dos desaparecidos, ou seja, trata de uma pintura que se estabelece como uma confissão daquilo que está ausente.

5- Imagens no presídio e as poses de “joinha” – Estamos todos bem.

Flávio Fontana Dutra. Fotógrafo da UFRGS, Mestre em Artes Visuais na UFRGS, doutorando na mesma universidade e professor no Curso de Comunicação da UNISINOS, Brasil.

Este estudo traz à luz, por sua vez, as ricas especificidades que as imagens elaboradas pelos presos apresentam no interior dos presídios, e provocam discussões polêmicas sobre suas vidas precárias apontadas, em especial, por Judith Butler.

6- Memórias da Europa na arte de outros lugares.

Andréas Huyssen. Columbia University in New York, EUA.

É uma reflexão que contribui à compreensão das memórias na Europa em sua fundamental importância, no processo de circulação em outras regiões do mundo. Os estudos de casos de três artistas de

distintas origens culturais expõem as transformações de suas memórias, de violências políticas em suas formas estéticas, porém a partir dos legados do modernismo europeu e transatlântico.

7- Desfazendo fronteiras e rompendo barreiras: a representação cartográfica na arte contemporânea.

Maria de Fátima Morethy Couto. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, Brasil.

Trata-se de um minucioso exame de trabalhos artísticos contemporâneos que, ao empregarem mapas, abrem valiosas discussões sobre o modo como assumem as representações de lugares. Voltam-se a princípios transgressivos em relação a representações convencionais. Também lugares considerados periféricos tramam-se sob a postura autoral crítica da autora sobre intervenções poéticas que evidenciam o desmanche das convenções e das representações espaciais legitimadas.

8- A viagem dos seis kakis.

Laurence Bertrand Dorléac. Sciences Pro Paris – Centre d'Histoire, Paris, França

A autora discute neste texto os sistemas de representação da natureza-morta na pintura, na análise de uma obra de um artista chinês do século XVII. Neste estudo, ela aborda valiosas relações sobre a arte chinesa e o eurocentrismo. Em particular, coloca em xeque a existência de uma história da arte estática da natureza-morta e sugere a construção de uma outra, de natureza inovadora, ao trazer impacto em relação a convenções.

9- Como acionar um lugar.

Eduardo Ferreira Veras. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Brasil

Este estudo afina as relações entre arte e memória, ao serem evocadas no trabalho do artista Jailton Moreira. O autor alterna, no escrito, a criação artística em meio ao processo de luto e perdas, ao mesmo tempo em que a rememoração familiar se recusa a aceitar o esquecimento.

10- História e memória: a melancolia de esquerda em Elegia a Alexandre de Chris Marker.

Luiz Cláudio da Costa. Instituto de Artes. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Da Costa revolve questões da memória sob ângulos de uma complexa rede de perspectivas. Revê a rememoração afetiva, a obra valiosa do cineasta e a história do comunismo, quando ele a ela sucumbe. Discute a proposta de Medvedkin em seu lugar de esquecimento, trazido à luz pelo autor norte-americano de Kino: história do cinema russo e soviético, que o tirou, com êxito, de um possível lastimável apagamento da memória.

11- Imagens e des-apagamentos da história colonial francesa. Em torno da exposição Algéria 1830-1962 (Paris, Musée de l'Armée, 2012).

Sébastien Denis. Université de la Picardie Jules Verne. Amiens, França.

O texto traz um fato fundamental aos estudos da memória, a respeito da violenta história colonial francesa, em sua dominação da Algéria.

A exposição, cujo co-curador é o próprio autor deste escrito, mostra, através de imagens muito precisas todos os fatos deste processo, sem se esquecer do fato de que a exposição se desenvolve no Musée de l'Armée (no Hôtel des Invalides, de abril a julho de 2012). O que se torna fundamental neste fato, e no contexto desta publicação, é o silêncio do exército francês sobre a exposição e sobre tudo o que ela faz emergir: o silêncio das inesquecíveis violências coloniais, parte fundamental da história nacional francesa, em tentativas de seu esquecimento. Sem se omitir que a mostra ocorre precisamente no interior do Museu do Exército.

12- A memória afrodescendente nos museus brasileiros: o caso do Museu Mariano Procópio.

Maraliz Christo, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

A autora examina as obras de origens afrodescendentes alocadas no acervo do Museu Mariano Procópio, ora por aquisições da instituição, como

por doações dos próprios artistas ou por premiações aquisitivas, ao romperem, com isso, os cânones tradicionais dos trabalhos. As obras apresentadas possibilitam, através das reflexões da autora, aprofundar o pensamento afrodescendente inscrito nos desenhos da memória dos museus: comparam-se assim os investimentos institucionais, seus interesses, mas em especial, sobre o que é incorporado circunstancialmente, ao se abrirem possíveis outros valores e inferências que estes desenhos sugerem.

13- Onde estão os negros? Apagamentos, racialização e insubmissões na arte brasileira.

Igor Simões. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Montenegro, Brasil.

O estudo marca de forma incisiva os apagamentos da memória dos negros nas histórias da arte branca do Brasil. É indagação fundamental neste trabalho pensar as histórias que compreendem a presença definitiva e numericamente correta dos negros como parte inevitável destas histórias, em sua composição ética e adequada à sua realidade histórica. O texto levanta, como um verdadeiro brado de alerta, a presença do racismo estrutural na cultura brasileira, a omissão intencional e violenta de negros e de suas obras em acervos artísticos, exposições, presença em curadorias. Conclama à tomada de posições institucionais, educacionais e reflexivas que possam vir a quem sabe mudar as histórias omitidas e rasgadas da constituição verídica das histórias da arte no Brasil.

14- A reativação de memórias silenciadas na obra de Patrícia Francisco.

Niúra Ribeiro. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Brasil.

Este texto articula a obra de Patrícia Francisco com sua memória sobre os silêncios da escravidão, em trabalhos materializados em fotografias, vídeo-performances, objetos e instalações. O lembrar e o esquecer podem contribuir para que os sofrimentos e as opressões raciais vividas no passado possam impreterivelmente ser lembradas em sua revivência hoje.

15- O espectro dos Blackamoor. Representando a África e o Oriente.

Ella Shohat. New York University (NYU), Nova York – EUA

A autora dedica-se a tratar da figura de Blackamoor, ao cruzar nesse processo diversos imaginários, também ao compreender os eixos Leste / Oeste e Norte / Sul. Efetua uma revisão fundamental que lança um olhar criterioso sobre continuidades discursivas esquecidas. Estabelece conexões históricas entre continentes e oceanos, ao trazer enfoques sobre misturas raciais, sincretismos culturais e influências intelectuais.

16- Oscilações entre micro e macro história na fotografia de André Penteadado.

Alexandre Ricardo dos Santos. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Brasil.

Este artigo dedica-se a reconstruir a memória do fotógrafo André Penteadado através de dois livros fotográficos – um deles é de natureza micro-narrativa, voltado aos aspectos biográficos. A outra publicação busca desenvolver uma abordagem mais ampla, sobre os apagamentos históricos apontados pela violência e pelo sofrimento coletivo diante das catástrofes históricas. O estudo abre com isso sugestões para enriquecedores caminhos para a análise de trabalhos artísticos, os que podem mesclar esses enfoques ou, ao contrário, contrapô-los em diferentes abordagens sobre a memória na arte.

17- O parangolé e a dança dos olhares.

Veronica Stigger. Fundação Álvares Penteadado (FAAP), São Paulo, Brasil.

Stigger abre um foco comparativo entre duas imagens de parangolés de Hélio Oiticica: uma delas é uma fotografia deste artista, captada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. A outra é pertencente ao filme de Ivan Cardoso, igualmente centrada na figura de Oiticica. A abordagem de Cardoso chama a atenção

para a interiorização da experiência dos que vestem os parangolés, enquanto que a de Viveiros de Castro enfatiza mostrar o artista em relação, trazendo à luz, ao contrário de Cardoso, a exteriorização da experiência no ato de vestir e de dançar os parangolés.

18- Da fotografia como circum-navegação da antropologia.

Eduardo Sterzi. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Neste texto o autor reflete sobre as relações entre a antropologia indígena e a fotografia, no percurso intelectual de Eduardo Viveiros de Castro. Discute em profundidade sobre a fotografia em meio a uma prática antropológica considerada e reconhecida em Viveiros de Castro e a persistência da fotografia, mesmo com certo desconforto, fato que merece ser um tema para abordagens mais exaustivas.

19- A Imagem Persistente.

Rosângela Rennó. Artista independente.

Neste ensaio, vem a ser seu ponto crucial a noção de dissolução de arquivo em função da intensa circulação das imagens. Ao mesmo modo, discute o valor documental da fotografia na contemporaneidade, assim como o desaparecimento da câmera fotográfica. Esta faz desaparecer também a crença nas imagens fotográficas como documento. A circulação das imagens rompe com a cronografia, sendo esta uma das grandes contribuições do modelo.

20- Álbum de viagem. (Ensaio visual)

Elaine Athayde Alves Tedesco. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Brasil.

Em um ensaio visual que expressa aspectos significativos no tema desta publicação, a artista Elaine Tedesco dedica-se a revelar, de modo surpreendente, questões relativas ao tempo, o esquecimento e suas impregnações entre lugares, o próprio tempo e as cenas, ao narrarem uma história marcada por lembranças e apagamentos sempre relacionais, porém sem as habituais obviedades.

21- Penumbra: às voltas com meus fantasmas e o jogo anodiômico. (Ensaio visual)

Marilice Corona. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Brasil.

O ensaio visual criado por esta pintora revisita, na escuridão do ateliê, o transporte das imagens. Algo dali emerge como saído das águas profundas e, como tecidos da memória, mostram sua revivência agora fixada na trama das imagens. Este transporte se evidencia neste trabalho mnemônico que, em contraposição às perdas pessoais e aos apagamentos sociais, é plasmado em pintura e em fotografia.

Coordenação editorial geral

Teresinha Barachini, Coordenadora Substituta do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS

Parceria Cultural

Cláudia Mara Escovar A. Boettcher, Diretora do Centro Cultural da UFRGS

Paulo Silveira, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS

AGRADECIMENTOS

Teríamos o máximo prazer de agradecer imensamente a uma série de valiosas colaborações e parcerias de toda a ordem, por todas as suas contribuições, as que permitiram que fosse possível se realizar o significativo evento.

Expressamos o mais alto reconhecimento, por todos os auxílios recebidos para parte das traduções, advindos da Universidade da Picardia e do Centre de Recherches en Arts et en Esthétique em Amiens, liderados com a dedicação da Professora Androula Michaela.

Listamos abaixo igualmente os nomes de inesquecíveis parcerias, todas fundamentais ao alcance desta realização:

Professores

Eduardo Veras

Elaine Tedesco

Marilice Corona

Mônica Zielinsky

Niúra Ribeiro

Paulo Silveira

Produção Executiva

Cristina Barros – Bolsista do Colóquio

Marrieni Duarte- Centro Cultural

Colaboradoras especiais

Laura Cattani

Adauany Zimovski

Katia Prates (design),

Instituições:

Instituto Goethe de Porto Alegre

Aliança Francesa de São Paulo e Porto Alegre

Institut National d'arts Visuels de Paris

Esquema Cine Novo

Fundação Ecarta, na pessoa de seu diretor

André Venzon

Koralle

Secretaria da Cultura

Lei de Incentivo à Cultura

Cinema Universitário

Bolsistas

Aline Zimmer (Assessoramento à Coordenação),

Andressa Gerlach (Arquivos Documentais),

Cristina Barros (Assessoramento à Coordenação).

Juliana Proença de Oliveira (Assessoramento
Executivo),

Tatiane Iung (Comunicação Geral),

Palestrantes

Um agradecimento muito especial aos conferencistas deste evento e coordenadores de mesa, por suas brilhantes atuações.

